

“A gente fica como se não houvesse passado”:
Fotografia e memória nas enchentes do Rio Grande do Sul¹

Rayane Lacerda²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

O presente trabalho discute a relação entre fotografia e memória, tendo como ponto de partida os arquivos pessoais que foram perdidos e/ou restaurados no contexto das enchentes do Rio Grande do Sul, ocorridas em maio de 2024. Na ocasião, diversos foram os relatos divulgados pela mídia a respeito das memórias que foram perdidas junto às fotografias danificadas pela água e pela lama. Entendemos que a memória não está na fotografia em si, mas no sujeito que a observa, sendo ela apenas um recurso capaz de acionar lembranças importantes para os quadros familiares. Assim, perder imagens significa perder o contemporâneo de si mesmo, ou seja, perder as ferramentas de construção de futuro e a dimensão da própria identidade.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Memória; Relicário; Enchente.

Entre a fotografia e a memória, um relicário

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou a maior enchente de sua história, na qual o Guaíba, rio que baliza a capital Porto Alegre, alcançou a marca de 5,7 metros, ou seja, ultrapassou a cota de inundação e adentrou os limites urbanos da cidade. Como resultado, inúmeras casas foram atingidas, famílias perderam bens materiais, pessoas e animais morreram e a infraestrutura da região foi afetada.

Nesse cenário de incontáveis perdas, uma delas parece mobilizar a sensibilidade das vítimas: as fotografias. Felipe Souza (2024), repórter, entrevistou Sabrina, uma dona de casa de 46 anos que foi atingida pela enchente. Ela explica que bens materiais podem ser reconquistados, mas as fotografias não podem ser compradas novas. Enquanto dispositivos que acionam memórias, elas são insubstituíveis.

Ana Taís Martins explica que “no caso da fotografia, a estabilidade não se deve à imobilização de um passado sobre a cena capturada, e sim à projeção da imagem que se sente como estável na memória sobre a imagem fotográfica observada [...]” (Barros,

¹ Trabalho apresentado ao GP Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no PPGCOM da UFRGS e mestre pelo mesmo Programa. Membro do Imaginalis, Grupo de Pesquisa em Comunicação e Imaginário. E-mail: raylavisi@gmail.com.

2017, p. 159). Podemos dizer que a fotografia não congela um momento do passado e não é um registro fixo daquilo que ocorreu, pois somos nós quem desenvolvemos memória afetiva diante da situação, de modo que ela vem se encaixar com os aspectos visuais percebidos na fotografia. É sempre a lembrança do olhar que observa projetada na imagem.

Nessa observação, acontece o fenômeno da memória, o qual não é uma tábula rasa e está sempre inserido em um quadro coletivo, formado socialmente (Halbwachs, 1990). Com efeito, “da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, [...] é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ela se transforme em uma massa consistente de lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 32-33). A fotografia pode ser essa semente de rememoração que vai manter viva a memória não porque representa o passado, mas porque se atualiza quando observada.

Felizardo e Samain (2007, p. 217) utilizam a palavra relicário para designar esse espaço de documento da história que a fotografia ocupa. Para eles: “[...] com elas descobrimos que podemos preservar a lembrança dos grandes momentos e das pessoas que nos são importantes: são referências da nossa história [...]”. Trata-se desse espaço de significação que existe entre o sujeito que observa, do qual parte a construção de sentido que ecoa na imagem, e a imagem, dispositivo da memória que recebe os ecos do sujeito. Há, entre ambos, uma mediação que pode ser chamada de relicário no sentido de que preserva as camadas do olhar e da experiência vivida.

Perder fotografias significa perder a memória?

“*A gente fica como se não houvesse passado*”. A fala de uma das vítimas, veiculada em reportagem jornalística (G1, 2024), sintetiza o impacto subjetivo da perda material diante de uma catástrofe. Jesoaldo, que passou uma noite no telhado da própria casa aguardando resgate, pensou ter perdido um conjunto de memórias que vivem nas fotografias da família. Essa fala é eloquente sobre o papel de conservação da memória que a fotografia desempenha na vida das pessoas. Para ele, a ausência desses arquivos pessoais cria o sentimento de que o seu passado também foi perdido, isto é, também se esvaiu com a correnteza da água. Nesse contexto, a pergunta que nomeia o presente tópico pode ser reformulada: o que se perde quando perdemos fotografias?

Ao perdermos fotografias, perdemos também a capacidade de acionar esse espaço chamado por Felizardo e Samain (2017) de relicário. Sem as imagens que determinam a maneira como a memória será mobilizada pelo sujeito, eventuais lembranças não serão acionadas e atualizadas.

Quando Barthes (2015) observa a fotografia de uma casa e narra o desejo que emerge nele próprio de *morar ali*, ele está sugerindo que o fotográfico é presente, no sentido de que “é no presente de Barthes que a informação apresentada na fotografia [...]” ganha sentido. Ele é, à medida que se relaciona com as fotos, “contemporâneo dele mesmo” (Barros, 2017, p. 151). Então, quando tal esvaziamento acontece por conta das fotografias que foram perdidas, as famílias vítimas das enchentes no RS perdem também o contemporâneo de si mesmas, ou seja, essa capacidade de elaborar novos processos simbólicos e de criar sentido diante dos acontecimentos da própria vida.

Para além do ato fotográfico em si ou da observação *a posteriori* de uma fotografia, o que importa, no cotidiano íntimo de cada família, é o cenário presente nos registros. Podemos falar de álbuns de aniversário, de almoços em família, de batizados, de casamentos ou de simples cafés da tarde. Em qualquer um dos casos, não basta apenas começar a registrar os acontecimentos a partir da perda, isto é, de uma espécie de ponto zero. Assim, *ficar sem o passado* é ficar também sem as ferramentas de construção do futuro, ao passo que esse relicário (ou uma parte dele) é esvaziado, resultando na perda de identidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/122953>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso da memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

A GENTE FICA como se não houvesse passado, diz morador que pensou ter perdido recordação dos pais para enchente no RS. **G1**. Fantástico, [s.l.]. 4 jun. 2024. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/06/04/a-gente-fica-como-se-nao-houvesse-passado-diz-morador-que-pensou-ter-perdido-recordacao-dos-pais-para-enchente-no-rs.ghml>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, Feipe. 'Perdi a foto do meu pai, que morreu quando eu era criança': o luto pelos objetos que carregam histórias de vida no RS. **BBC News Brasil**, São Paulo, 1 de jun. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg661y0ppz7o>>. Acesso em: 22 jun. 2025.